

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 55, n. 1, p. 1-13, jan.-dez. 2024 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p>
<p>http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2024.1.41606</p>	

SEÇÃO: ARTIGO

A realidade dos imigrantes venezuelanos no extremo norte brasileiro

The reality of venezuelan immigrants in the far north of Brazil

La realidad de los inmigrantes venezolanos en el extremo norte brasileño

Halaine Cristina Pessoa Bento¹

orcid.org/0000-0002-2247-5096
halaine_cristini@hotmail.com

Talitha Lúcia Macêdo da Silva²

orcid.org/0000-0003-4896-7619
macedo.talitha@yahoo.com.br

Recebido em: 24. ago. 2021.

Aprovado em: 01. mar 2022.

Publicado em: 15 oct 2024.

Resumo: A intensa crise sociopolítica e econômica que aflige a Venezuela potencializou a migração venezuelana para as nações vizinhas em busca de melhores condições de vida. O artigo teve por objetivo compreender a realidade dos imigrantes venezuelanos em Roraima, principal porta de entrada destes no Brasil. Foram realizadas 12 entrevistas com venezuelanos entre 19 e 29 anos de idade em Boa Vista (RR). Os resultados apontam que a realidade dos venezuelanos está relacionada a uma migração por sobrevivência, contudo, ao chegarem no Brasil, ainda enfrentam vulnerabilidades referentes a violências como a xenofobia, desafios de acesso ao trabalho, dificuldades para conseguir moradia e comprar alimentos. Observou-se a importância do acolhimento realizado pelos abrigos da Operação Acolhida em Roraima. Além disso, constatou-se os sentimentos de frustração e gratidão nos participantes no processo migratório. Portanto, o estudo possibilitou novas reflexões sobre a criação de futuras ações que ofereçam qualidade de vida aos imigrantes venezuelanos no Brasil.

Palavras-chave: Imigração, Venezuela, Brasil, Roraima

Abstract: The intense sociopolitical and economic crisis that afflicts Venezuela has boosted Venezuelan migration to neighboring nations in search of better living conditions. The article aimed to understand the reality of Venezuelan immigrants in Roraima, their main gateway to Brazil. Twelve interviews were conducted with Venezuelans between 19 and 29 years old in Boa Vista (RR). The results show that the reality of Venezuelans is related to a migration for survival, however, upon arriving in Brazil, they still face vulnerabilities related to violence such as xenophobia, challenges in accessing work, difficulties in finding housing and buying food. The importance of the reception provided by the Operation Welcome (Operação Acolhida) shelters in Roraima was observed, in addition, it was found in the participants the feelings of frustration and gratitude in the migratory process. Therefore, the study enabled new reflections on the creation of future actions that offer quality of life to Venezuelan immigrants in Brazil.

Keywords: immigration, Venezuela, Brazil, Roraima

Resumen: La intensa crisis sociopolítica y económica que aflige Venezuela potenció la migración venezolana a las naciones vecinas en busca de mejores condiciones de vida. El artículo tiene como objetivo comprender la realidad de los migrantes venezolanos en Roraima, principal puerta de entrada de ellos en Brasil. Fueron realizadas 12 entrevistas con venezolanos entre 19 y 29 años de edad en Boa Vista (RR). Los resultados apuntan que la realidad de los venezolanos está relacionada a una migración por supervivencia, sin embargo, al llegar a Brasil, aún enfrentan vulnerabilidades para conseguir vivienda y comprar alimentos. Fue observada la importancia de la acogida realizada en los albergues de la Operación Bienvenida (Operação Acolhida) en Roraima, además de eso, se constató en los participantes los sentimientos de frustración y gratitud en el proceso migratorio. Por tanto, el estudio posibilitó nuevas reflexiones acerca de



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

² Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, PE, Brasil.

la creación de futuras acciones que ofrezcan calidad de vida a los inmigrantes venezolanos en Brasil.

Palabras clave: inmigración, Venezuela, Brasil, Roraima

Nos últimos tempos, o Brasil tem sido um país procurado por pessoas que deixam a sua terra natal em busca de melhores condições de vida. Um exemplo disso é a imigração venezuelana no século XXI. Em razão da forte crise política, econômica e social que assola o país bolivariano, muitas famílias venezuelanas têm buscado oportunidades no extremo norte brasileiro através da fronteira com o estado de Roraima.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) explica que a migração humana consiste no movimento de uma pessoa, ou de um grupo de indivíduos, através da fronteira internacional (ou do próprio Estado) e que pode ter como origem as mais diversas causas, finalidades, extensões e composições (Oim, 2011).

Acrescenta-se que, conforme previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos, migrar é um direito civil no qual o indivíduo não só tem a liberdade de locomoção e moradia dentro das fronteiras de cada Estado, mas também tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o seu, e a este regressar, bem como se beneficiar de refúgio em outros países (Brasil, 1948).

As variações de migrações necessitam ser mais bem compreendidas, pois a migração trata-se de um processo de deslocamento de estrangeiros de um país para o outro com a intenção de consolidar-se nessa nova nação (Oim, 2011). É importante destacar que o mundo é dividido em Estados e, nesta perspectiva, caberia a esses a soberania nacional e o monopólio da mobilidade das pessoas em suas respectivas regiões. Sob esse aspecto, os Estados detêm o controle do deslocamento do migrante em outra nação através da elaboração de leis, de passaportes, de vistos e de barreiras (Reis, 2004).

Sobre imigrações na busca por melhores condições de vida em outros países, Alexander Betts (2010) apresenta a ideia de migração como um movimento por sobrevivência. A migração por sobrevivência abrange as pessoas que estão fora do país de origem em razão de suas existências

encontrarem-se ameaçadas e, sendo impossível solucionar ou reparar as condições de vida da população na própria nação, migrar para outro país é uma possibilidade de buscar melhores condições de vida.

A partir do exposto, percebe-se que a migração por sobrevivência é um conceito que envolve qualquer pessoa em privação de direitos fundamentais em seu país que necessita deslocar-se para outros locais em busca da própria subsistência. Porém, independentemente da causa do deslocamento, é importante que o fenômeno seja compreendido e articulado às vivências do imigrante em outro país: suas histórias, suas experiências e as singularidades de cada sujeito – que são atravessadas pelas dificuldades e pelas vulnerabilidades experienciadas.

Cabe ser ressaltado que o deslocamento dos imigrantes pode gerar contextos de vulnerabilidade sociais. Essas dizem respeito a aspectos socioeconômicos e políticos, tais como: dificuldade de inserção no mercado de trabalho e de acesso à moradia, à renda, à alimentação, à saúde, à educação, à integração na própria sociedade ou, ainda, a exposição a situações de risco, de violência e de discriminação (Costa de Sá & Fernandes, 2016).

Por isso, Eberhardt e Miranda (2017) destacam que os imigrantes em situação de vulnerabilidade estão mais propensos a patologias e riscos quanto à saúde mental, uma vez que são expostos a situações estressantes no dia a dia, como: isolamento social, condições precárias de vida (relacionadas à moradia, ao trabalho etc.), discriminação, entre outras circunstâncias.

Quanto às situações consideradas discriminatórias voltadas aos imigrantes, essas são denominadas de xenofobia (do grego xenos, estranho, e phonia, medo ou aversão). Em outras palavras, são ações e "discursos de ódio e de repulsa ao 'diferente', ao/à estrangeiro/a, ao não familiar, vistos como ameaça" (Santos, 2011, p. 8).

Além disso, existe outra situação discriminatória vivida pelo imigrante que é a aporofobia, termo criado pela filósofa espanhola Adela Cortina (2017) e utilizado pela primeira vez em um artigo

publicado em 1995. Uniu-se o prefixo "áporos", designado a indivíduos pobres, com o sufixo "fobia", no sentido de intolerância. A motivação para o surgimento do termo deu-se ao fato de que, como umas das principais fontes de riqueza na Espanha é o turismo, observou-se que com imigrantes ricos não há atos xenofóbicos explícitos, mas com imigrantes e refugiados pobres existe um preconceito mais violento de que eles não trazem nenhum benefício ao local.

Em síntese, levando em consideração tais cenários preocupantes com relação a imigrantes em circunstâncias de vulnerabilidade, percebe-se a relevância de uma melhor compreensão da realidade do imigrante venezuelano, que tem migrado crescentemente por meio da fronteira entre as cidades de Pacaraima (Brasil) e Santa Elena do Uairén (Venezuela).

Imigração venezuelana em Roraima

Desde 2015, com a intensificação da crise econômica, política e social na República Bolivariana da Venezuela, a população venezuelana tem buscado migrar para o Brasil. Tal processo migratório abrangeu não apenas o território brasileiro, mas também outros países latino-americanos (Fundação Getúlio Vargas, 2018).

Segundo informações da Assistência Emergencial aos Imigrantes Venezuelanos (Brasil, 2018), 8,3 mil questionários aplicados em lares venezuelanos sobre a questão alimentar, um terço dos cidadãos venezuelanos comem duas ou menos vezes por dia. Dos 28 milhões de habitantes no país, a pobreza atingiu 87% da população e 61% vive no patamar de miséria extrema. A inflação chegou a 2.616% em 2017 e os hospitais não têm medicamentos. Essa situação na Venezuela levou a população a uma condição extrema de vulnerabilidade e, assim, o povo daquele país busca cessar o sofrimento migrando para os países vizinhos.

Com esse cenário alarmante, cinco milhões de venezuelanos já migraram para os países vizinhos. O Brasil é a quinta nação mais procurada por eles, sendo superado pela Colômbia, Peru, Chile e Equador (Fundação Getúlio Vargas, 2020). Con-

tudo, por mais que a nação brasileira não receba o maior número de venezuelanos em relação aos outros países mencionados, apresenta o maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos na América Latina (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados [ACNUR], 2020).

O "ser refugiado" é o reconhecimento da necessidade de proteção da pessoa em outra nação em razão de perseguições políticas, éticas e religiosas, por questões de raça, de nacionalidade e de privação de direitos humanos advindos do seu país (Oim, 2011).

A partir das informações da Plataforma Regional de Coordenação Inter-Agencial para Refugiados da Venezuela (R4V, 2021), entre os anos de 2018 e 2020, foram registrados 805.102 pedidos de refúgio de venezuelanos na Espanha, nos Estados Unidos da América e em países da América Latina, sendo 49% para o Peru e cerca de 20% para o Brasil – segundo país mais procurado para o refúgio.

Levando em consideração o ingresso de venezuelanos refugiados no Brasil, a principal porta de entrada dos imigrantes venezuelanos em terras brasileiras tem sido o município de Pacaraima, região fronteira com Santa Elena do Uairén, Venezuela, que se localiza a 213 km de Boa Vista, capital do estado de Roraima. Além da Venezuela, Roraima faz fronteira com o país da República Cooperativa da Guiana e, também, faz divisa com o estado do Amazonas. Com os seus quatorze municípios mais a capital Boa Vista, o estado roraimense apresenta pouco mais de meio milhão de habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2021). O estado possui uma economia muito voltada para o funcionalismo público e um histórico de migrações nacionais e internacionais desde a década de 80 por conta do garimpo (Freitas, 2009).

A partir de um histórico de migrações por sobrevivência como o da população venezuelana, pode-se dizer que há um contexto novo com grandes impactos para o norte brasileiro. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2020) aponta que dos quinze municípios roraimenses, as três cidades que apresentam maior número de

venezuelanos são Pacaraima, Boa Vista e Bonfim (cidade fronteiriça com a República Cooperativa da Guiana).

Sobre os imigrantes venezuelanos em Roraima, percebe-se que, comumente, são grupos de jovens em idade para trabalhar, solteiros e com bons níveis de escolaridade (Simões et al., 2017; Arcoverde et al., 2018). Na Venezuela, em sua maioria, esses jovens já se encontravam em situação de vulnerabilidade, no que diz respeito à escassez de serviços de saúde, educação, trabalho, alimentação e moradia, em razão da crise no país de origem.

Ao migrar para o Brasil, ainda, enfrentam dificuldades de acesso a estes serviços em virtude do estado de Roraima não estar preparado para receber esse alto contingente migratório. Para dar conta de tal situação, surge, de modo emergencial, em março de 2018 a Operação Acolhida, que constitui uma Força-Tarefa Logística Humanitária em Roraima, formada pelos poderes públicos federais, estaduais e municipais, por Organizações Não Governamentais (ONGs), pelas Forças Armadas (Marinha, Exército e Aeronáutica), pela Polícia Federal, pela Organização das Nações Unidas (ONU), pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), assim como tantas outras instituições, para melhor acolher os imigrantes da Venezuela em Roraima (Oliveira, 2021).

De modo geral, o trabalho da Operação Acolhida é desenvolvido em três linhas de frente: (a) ordenamento de fronteira, (b) abrigamento e (c) interiorização. A primeira consiste em centros de triagem e regularização de documentos dos imigrantes na cidade de Pacaraima e Boa Vista; a segunda é composta por doze abrigos em Roraima – dois em Pacaraima e onze em Boa Vista – com capacidade total para oito mil pessoas; e, por último, a interiorização é o processo de deslocamento de imigrantes venezuelanos para outros estados brasileiros com oportunidades de emprego e de reunificação familiar, social e institucional (Oliveira, 2020).

Diante desse cenário de imigrantes venezuelanos no estado de Roraima, articulado às novas

mudanças em políticas públicas para os imigrantes, o artigo objetivou compreender a realidade dos imigrantes venezuelanos na cidade Boa Vista (RR), que consiste em uma experiência singular para o norte brasileiro. Conforme será exposto, percebe-se que a situação dos venezuelanos fora do seu país de origem e em contexto de vulnerabilidade envolve uma série de aspectos econômicos, históricos, culturais e sociais que carecem ser melhor entendidos.

Método

O estudo – caracterizado como qualitativo, descritivo e de orientação fenomenológico-existencial – realizou entrevistas com imigrantes venezuelanos entre 19 e 29 anos, em Boa Vista. Esses foram contatados em abrigos, praças e casas alugadas, em horários e locais acordados previamente. *A priori*, não foi definido o número de participantes, pois utilizou-se do critério de saturação, que prevê que quando o conteúdo das entrevistas começa apresentar repetições, o pesquisador deve delimitar o número de participantes da pesquisa (Turato, 2003).

As entrevistas foram conduzidas no modelo de investigação fenomenológica das narrativas proposta por Walter Benjamin (1994). Nesse modelo, a história do narrador é contada e o pesquisador questiona-o apenas no intuito de dar continuidade à narrativa, propondo as regiões da história que lhe interessa na intenção de responder aos objetivos da pesquisa. Por meio do relato narrativo, é possível aproximar-se da experiência tal como é significada pelo entrevistado e permitir-lhe a elaboração das vivências, sendo o pesquisador um participante da reconstrução da história contada (Benjamin, 1994).

As entrevistas com os venezuelanos ocorreram em português e/ou espanhol. A escolha das línguas dependeu do grau de compreensão e de fluência de cada entrevistado. As entrevistas foram conduzidas pelas pesquisadoras que, partindo do objetivo da pesquisa e explicando-o para o participante, lançaram uma pergunta disparadora (“Conte-me a sua história”), solicitando que cada entrevistado contasse a sua história de

vida, trajetória migratória, familiar, profissional, dentre outros aspectos. Foi deixado livre o relato, porém, em alguns momentos, foi necessário direcionar a entrevista para que fossem alcançados os propósitos do estudo.

Para realização das entrevistas nos abrigos para venezuelanos em Boa Vista, foi imprescindível a autorização com documento assinado pelas instituições, tanto no que tange os abrigos quanto no caso dos participantes residentes em outros espaços. Concernente aos participantes, foram necessárias suas ciências e seus consentimentos registrados por assinaturas em duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que constava em uma versão bilíngue (português/espanhol). Ressalta-se que a coleta de dados iniciou após a aprovação da pesquisa em comitê de ética em pesquisa com seres humanos (CAAE n. 96460518.5.0000.5302 e Parecer 3.006.051).

Após os procedimentos éticos com os participantes, as entrevistas foram gravadas e transcritas para que fossem feitas as análises. As narrativas foram compreendidas à luz da Analítica do Senti-

do, proposta por Dulce Critelli (1996) que, a partir de uma postura fenomenológico-existencial, propõe uma aproximação do real através de apreensão, diferenciação e expressão daquilo que se busca compreender. A Analítica do Sentido considera os fenômenos enquanto perspectivas – momentâneas e fluídas – e não como verdades absolutas e imutáveis. Tal modo de conceber os fenômenos deriva de sua compreensão do ser humano enquanto vir a ser, em constante movimento e transformação (Gomes et al., 2008).

Na perspectiva de construir um perfil socioeconômico da amostra do estudo, expõe-se na Tabela 1 a seguir as informações dos participantes (com nomes fictícios para preservação de suas identidades): gênero (seis do gênero feminino e seis do gênero masculino); período de estadia em Boa Vista (que variou de a mês até dois anos) e situações de vulnerabilidade (todos encontravam-se em alguma situação de vulnerabilidade, a saber: desempregados, com dificuldades de acesso à moradia, ao trabalho, à alimentação, à saúde e à educação).

Tabela 1 – Participantes da pesquisa

A) GÊNERO FEMININO (6 ENTREVISTADAS)			
Nome	Perfil	Tempo em Roraima	Residência em Boa Vista
Angelita	21 anos, gestante (9 meses), atendente de padaria na Venezuela, desempregada no Brasil.	11 meses	Abrigo com a família
Carmen	20 anos, gestante (7 meses), desempregada no Brasil.	9 meses	Casa alugada com a família
Dolores	29 anos, gestante (9 meses), funcionária da aduaneira na Venezuela, desempregada no Brasil.	2 anos	Casa alugada com mais 19 venezuelanos
Yolanda	25 anos, gestante (6 meses), vendia roupas na Venezuela, desempregada no Brasil.	1 ano e 8 meses	Casa alugada com a família
Dulce	19 anos, técnica em criminalística na Venezuela, desempregada no Brasil.	3 meses	Casa alugada com o irmão
Rúbia	24 anos, desempregada no Brasil.	1 ano	Abrigo com a família

B) GÊNERO MASCULINO (6 ENTREVISTADOS)

Nome	Perfil	Tempo em Roraima	Residência em Boa Vista
Cristian	23 anos, estudante de inglês e francês na Venezuela, desempregado no Brasil.	9 meses	Abrigo
Diego	28 anos, desempregado no Brasil.	1 mês	Praça
Murilo	24 anos, funcionário de indústria na Venezuela, desempregado no Brasil.	7 meses	Abrigo
Santiago	29 anos, construtor civil na Venezuela, desempregado no Brasil.	1 mês	Praça
Ruan	22 anos, estudante de português no Brasil.	5 meses	Casa alugada
Yago	27 anos, guarda municipal na Venezuela, desempregado no Brasil.	1 ano e 3 meses	Abrigo

Resultados e discussão

Com base nas entrevistas realizadas com os venezuelanos em Boa Vista, foi possível categorizar três campos de análise, a saber: primeiro, as transformações políticas, econômicas e sociais na Venezuela; segundo, as vulnerabilidades vivenciadas pelos imigrantes venezuelanos; terceiro, e último, as repercussões psicossociais da imigração para os venezuelanos. A seguir, são explanadas cada uma delas.

Transformações políticas, econômicas e sociais na Venezuela

A partir das narrativas apresentadas pelos imigrantes venezuelanos entrevistados, pôde-se perceber que, com a intensificação da crise política, econômica e social na Venezuela, a população está sofrendo cada vez mais com a escassez de serviços básicos, tais como: saúde, trabalho, educação, alimentação, segurança e transporte. Conforme é explicado no trecho por Dolores (29 anos): "A situação na Venezuela não há transporte, não há comida e o que há é muito caro e o dinheiro não é suficiente para fazer um bom mercado. A carne e o frango, essas coisas são muito caras".

Além disso, nos seus relatos fizeram uma comparação de como era a Venezuela antes e depois da crise: "A Venezuela era como Boa Vista. Tudo barato, havia trabalho, íamos ao supermercado comprar comida de todo tipo. Agora, a Venezuela

mudou, a segurança nacional é mais forte a cada dia e a comida obtida é a do governo" (Diego, 28 anos).

Com base nos dados coletados na pesquisa, percebe-se que os participantes tinham, antes da crise na Venezuela, uma vida estruturada no que diz respeito ao acesso aos estudos, ao trabalho para prover o sustento familiar, às condições financeiras para comprar no supermercado, à segurança ao andar pelas ruas, à utilização de seus meios de transporte e à compra roupas. Porém, com as mudanças ocorridas no país devido à crise, os venezuelanos passaram a sofrer com a escassez de alimentos nas prateleiras dos supermercados, o aumento de casos de desnutrição entre crianças, a violência, a dificuldade de continuar com os estudos, e o pouco acesso a medicamentos e ao trabalho.

Nesse sentido, a população venezuelana passou a vivenciar um colapso de modo gradativo no país – intensificado a partir do ano de 2015, em virtude da queda do preço do barril do petróleo. Após o aumento da oferta de energia no mercado mundial, houve a redução da demanda com a desaceleração da economia na China e União Europeia e, em paralelo, os Estados Unidos tornaram-se o maior produtor de petróleo independente (Raatz, 2014).

Segundo Borges et al. (2011), a indústria petrolífera – que era o principal recurso econômico e

gerador de riqueza no país bolivariano – passou a ter dificuldade na exportação dos seus produtos. Conseqüentemente, o governo também passou a ter dificuldade de importar materiais básicos, como alimentos e medicamentos, para a população venezuelana.

Assim sendo, como observado nas narrativas dos participantes, criou-se um verdadeiro caos na Venezuela, isto é, a ausência de dólares e o aumento dos gastos do governo fizeram a inflação aumentar; a moeda oficial do país, o bolívar, desvalorizar e a taxa de desemprego intensificar-se. Tais acontecimentos resultaram no sofrimento da população com a fome, com a desnutrição, com o desemprego e com a alta taxa de criminalidade (Raatz, 2014).

Diante do exposto, e a partir das entrevistas realizadas, é possível afirmar que os participantes estavam insatisfeitos com a gestão pela qual o país bolivariano está sendo governado, visto que se instalou na Venezuela um governo opressor que não possibilita meios de expressão e de reivindicação de seu povo, além de não planejar meios democráticos para resolver a situação da população. Assim, para milhares de venezuelanos, a única solução para conseguir melhores condições de vida tem sido migrar e procurar refúgio nos países vizinhos, como é mencionado pela participante da pesquisa: "Vim ao Brasil buscar novos rumos para melhorar porque lá na Venezuela as coisas são muito difíceis. Não há trabalho, não há comida, remédio, segurança (...) vim ao Brasil para ajudar minha família" (Yolanda, 25 anos).

Em face à narrativa, é possível constatar que a busca por melhores condições de vida e a possibilidade de ajudar a família tem motivado o fluxo migratório. Nesse sentido, por mais que se apresentem os aspectos relacionados à procura por trabalho, moradia, alimentação, medicamentos e segurança no país vizinho, o motivo, *a priori*, que os impulsiona à migração é o de buscar melhores condições à família em relação a tais necessidades básicas.

Assim, a expectativa dos imigrantes venezuelanos ao entrar em terras brasileiras, através da

fronteira Brasil-Venezuela, baseia-se na possibilidade de conseguir melhores condições de vida, pois a situação de instabilidade e insegurança no país em questão provoca a necessidade de migrar para não morrer de fome, por ser ferido em confronto com a polícia ou, ainda, para morrer de uma doença, por falta de atendimento e de medicamentos no serviço público de saúde.

Vulnerabilidades vivenciadas pelos imigrantes venezuelanos

No que se refere ao número crescente de imigrantes venezuelanos no Brasil e, especificamente, para Roraima, os imigrantes buscam meios de acessar os serviços de saúde, educação, moradia e alimentação para si e seus familiares: "Em Boa Vista consigo ajudar minha família, meus filhos. Vim ao Brasil para resolver um problema na Venezuela, comida para os meus filhos" (Ruan, 22 anos). Bem como, Yago (27 anos) complementa: "Tinham pessoas que me diziam que aqui havia mais produtos. Isso me motivou a migrar para ter uma boa saúde, não têm remédios na Venezuela".

A partir dos fatos mencionados, observa-se que a migração para Roraima é uma realidade cada vez mais frequente para venezuelanos em situação de vulnerabilidade. Inicialmente, constata-se que são poucas as melhorias em terras brasileiras, mas essas muito significativas para a população migrante. Eles se sentem felizes quando percebem seus familiares em condições mais dignas em outro lugar.

Ademais, para os participantes da pesquisa, Roraima configurou-se como uma possibilidade de ficar próximo do seu país, consistindo na possibilidade de retornar à Venezuela para levar mantimentos, para rever familiares e até trazê-los para o Brasil: "A situação na Venezuela é muito difícil. Quero ajudar minhas filhas, minha esposa, minha família e um dia trazê-las para Boa Vista" (Santiago, 29 anos).

Contudo, Roraima não oferece em todos os seus municípios estrutura adequada para receber um fluxo migratório intenso nem tem condições, ainda, de proporcionar, de modo apropriado, infraestrutura urbana, saúde, moradia e trabalho.

Assim, os venezuelanos entrevistados buscam pela sobrevivência na capital de Roraima entre um mês e dois anos. A maioria deles vive em casas alugadas, outros permanecem em situação de rua habitando praças ou residindo em abrigos. Muitos estão desempregados, reflexo da falta de oportunidades de trabalho em Boa Vista (RR), outros vivem em situação de mendicância ou desenvolvem atividades informais.

Outro contexto também percebido entre as participantes da pesquisa, é a presença da gestação. A maioria já engravidou no Brasil, assim afirmaram conseguir fazer o acompanhamento do pré-natal nos postos de saúde e na maternidade local. Dentre as vulnerabilidades presentes para essa situação têm sido os companheiros não conseguirem emprego e, conseqüentemente, apresentarem dificuldades para comprar os itens necessários para o nascimento dos bebês. As doações, ajuda da vizinhança e apoio dos abrigos tornaram-se fundamentais para montar, por exemplo, o enxoval.

Nesse sentido, desde 2018, a oficialização da ajuda humanitária por meio da Operação Acolhida (Brasil, 2020) tem sido um importante suporte de regularização documental, bloqueio vacinal, atendimento médico, moradia, alimentação e oportunidades de emprego população migrante em situação de vulnerabilidade: "Sou muito grata porque esse abrigo me ajudou muito com as minhas duas filhas (...) Antes tinha uma vida difícil e, graças a Deus, agora estou vivendo uma vida tranquila" (Rúbia, 24 anos).

A partir da fala anterior, percebe-se a importância deste acolhimento realizado pelos abrigos em Roraima, para que estes imigrantes em situação de vulnerabilidade sintam-se parte desta nova sociedade na qual estão vivendo, pois "acolher de forma humanizada implica numa prestação de serviço de forma humanizada, cidadã, de escuta qualificada e ativa" (Biol, 2016, p. 11).

Todavia, em contexto de abrigo para venezuelanos em Roraima, muitas vezes, argumenta-se por um acolhimento provisório em situação emergencial para atender necessidades básicas de moradia, alimentação, educação, atendimento

médico e medicamentos para que, posteriormente, novas destinações a essa população possam ser feitas através, por exemplo, da interiorização. Assim, faz-se necessária a ampliação cada vez mais das ações e/ou das políticas públicas com o intuito de incluir e integrar essa população em estado de vulnerabilidade a melhores condições de vida na sociedade brasileira.

As narrativas dos venezuelanos demonstram que os participantes já estavam em situação de vulnerabilidade no país de origem em razão da dificuldade de acesso a serviços básicos de subsistência. Porém, ao migrarem, eles continuam em circunstância de vulnerabilidade por conta da realidade em Boa Vista, onde enfrentam dificuldades para conseguir moradia, comida, trabalho e acesso a tratamentos de saúde:

Passamos quinze dias morando na rua, quase não comíamos, a primeira vez na vida que tive que pedir comida e dinheiro na rua. Foi muito doloroso para mim e, graças a Deus, conhecemos alguns brasileiros, uma senhora que nos ajudou por alguns dias (...) A situação na Venezuela mudou a vida de muitos jovens que deixaram seus estudos, muitos amigos deixaram seus estudos para imigrar. (Dulce, 19 anos)

Percebe-se que algumas adversidades de ser imigrante venezuelano em Roraima também estão relacionadas à situação de rua, a não ter dinheiro para o aluguel e, em alguns casos, aos brasileiros recusarem-se a alugar imóveis para eles. A situação agrava-se pelo fato de não se conhecer ninguém no Brasil e de não haver comunicação com familiares que estão na Venezuela. Além disso, o Bolívar, ao ser trocado pelo Real, não é rentável e há dificuldade quanto à língua e à integração com a cultura brasileira. Os entrevistados apresentaram, ainda, barreiras no acesso a documentos de permanência no país, ao atendimento médico, à educação e a conseguir bens básicos como comida, roupa e trabalho.

Em vista disso, Silva e Fernandes (2017) apontam que o Estado brasileiro não possui preparo suficiente para receber dignamente imigrantes em situação de vulnerabilidade, tanto no aspecto infraestrutural quanto na própria barreira do acolhimento, que não é realizado de modo

adequado pelo poder público.

Assim, apenas alterar a legislação brasileira no intuito de atender as demandas legais do imigrante não é a única solução de permanência dos mesmos em solo brasileiro, mas também é necessário criar instrumentos socioculturais que promovam inserção e integração deles no Brasil (Silva & Fernandes, 2017). Caso contrário, como observado nas narrativas dos entrevistados, diante dos empecilhos e das impossibilidades de mudanças, os imigrantes venezuelanos continuam vivenciando sofrimentos cotidianos.

Sobre a experiência profissional em Roraima, os participantes relataram, ainda, casos de brasileiros que não pagaram venezuelanos contratados para trabalhar. Pilicioni (2013), ao explicar os direitos dos imigrantes no Brasil, afirma que esta atitude é ilegal, em razão de que todo imigrante residente e regularizado no país possui os mesmos direitos trabalhistas de um brasileiro, exceto direitos políticos. Dessa forma, denúncias ao Ministério do Trabalho devem ser realizadas para que as medidas cabíveis, incluindo multa e/ou prisão ao/do empregador, possam ser efetuadas.

Ademais, os venezuelanos relataram sobre situações de discriminação por parte de brasileiros e, também, a respeito do medo de boa-vistenses ao aproximarem-se e/ou falarem com eles quando eles pediam trabalho: "As pessoas [brasileiras] têm medo de quem anda na rua, as pessoas se recusam a abrir as portas para falar. Venezuelanos batem nas portas das casas para fazer qualquer trabalho e as pessoas não as abrem com medo" (Carmen, 20 anos).

A narrativa supracitada expressa situações nas quais os brasileiros sentem medo da violência, mas, também, evidencia configurações de dimensão xenofóbica. Tal sentimento também ocorre pelo próprio descaso já anteriormente existente nos serviços básicos de saúde, de educação e de segurança pública oferecidos à população pelo estado de Roraima. Com a intensificação da migração, esses setores tendem a entrar em colapso, pois já não conseguiam atender adequadamente às demandas da população. Assim,

parte dos boa-vistenses revolta-se ou sente medo do imigrante, culpando-o pelo agravamento da piora na qualidade dos serviços oferecidos pelo Estado e, assim, evita aproximar-se dos venezuelanos, a ponto de sentir raiva/ódio, ou não querer nenhuma integração social e/ou cultural com eles.

Neste ponto, é importante salientar que, pela Constituição Federal brasileira, a xenofobia é considerada um crime inafiançável e imprescritível. O sujeito infrator corre o risco de pena de reclusão, conforme apresenta o art. 1º da Lei n.º 7.716 de 1989: "serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional" (Brasil, 1989, p. 1).

Contudo, mesmo possuindo uma legislação que pune indivíduos por praticarem atos de xenofobia, a violência contra o venezuelano cresce na cidade de Boa Vista. Ademais, esta aversão ocorre, muitas vezes, em relação ao imigrante pobre e vulnerável, constituindo também atos de aporofobia.

Assim, vale ressaltar que situações discriminatórias vivenciadas e o salto em direção ao desconhecido, como o ingresso em um país estrangeiro, podem causar cenários preocupantes de saúde mental dos imigrantes como quadros de ansiedade e de estresse devido a situações de pobreza, insegurança, medo, violência e exploração vivida pelo indivíduo ao longo do percurso migratório (Brito et al., 2015).

Diante da realidade mencionada, apresenta-se a importância de combater a xenofobia, a aporofobia e qualquer outro tipo de discriminação. Constata-se que ações de construção de um pensamento crítico possibilitam uma formação de consciência de si mesmo, do entorno, e da condição enquanto ser humano individual e coletivo. Afinal, ter um pensamento crítico em relação a esta realidade é fundamental para se refletir acerca dos cuidados com as repercussões psicossociais inerentes ao processo migratório.

Repercussões psicossociais da imigração para os venezuelanos

As narrativas dos venezuelanos participantes da pesquisa demonstram as repercussões psicossociais do fenômeno migratório desde o momento em que deixam seu país até a chegada ao Brasil e o estabelecimento ao novo destino escolhido. Nota-se que o ato de partir do seu território – retirando-se do seu lar, do seu trabalho, dos seus costumes e de sua família – às vezes pode ser percebido por esses indivíduos como uma espécie de luto: “Eu digo que ser um imigrante não é bom porque é difícil sair de seu conforto na Venezuela e deixar todas as coisas que você tem” (Cristian, 23 anos); “Com a situação que a Venezuela está passando tive que abandonar tudo o que tinha. Meus estudos, meus costumes, meu local de trabalho, meus hábitos de vida” (Murilo, 24 anos).

Segundo Pasqua e Molin (2009), o luto durante as mudanças e/ou adaptações inerentes à trajetória da migração pode ocorrer em razão do que é abandonado: familiares, língua, cultura, terra, *status* social e o contato com o grupo de pertencimento. Todavia, até que essas perdas venham a ser elaboradas, o processo do luto pode ser causador de sofrimento psíquico ao sujeito, surgindo, assim, sentimento de abandono, angústia, estresse, ansiedade e podendo evoluir para quadros mais graves, como o conhecido como Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico ou Múltiplo, também chamada de Síndrome de Ulisses, que foi inspirada no mito de Ulisses na sua volta a Ítaca após o término da guerra de Troia.

Tal Síndrome, conforme explanam os autores supracitados, faz com que a pessoa sofra por estresse e luto com sentimentos de abandono e/ou perda, tais como da língua, cultura, terra, *status* social, família, amigos e contato com o grupo de pertencimento, que acabam por gerar um conjunto de sintomas psíquicos e somáticos. Assim, angústias persecutórias e depressivas, com variações de intensidade, durabilidade e evolução, podem afetar a saúde mental do imigrante. Os aspectos estressores que podem intensificar esse quadro são os sentimentos de

solidão (separação da família e amigos), desesperança e sensação de fracasso no projeto migratório, luta pela sobrevivência (alimento, trabalho e moradia) e medo do que pode vir acontecer daqui para frente.

Além disso, o próprio processo de integração à nova realidade leva ao imigrante a necessidade de fazer ajustes, criar vínculos, interagir e construir novas imagens de si e do outro. São transformações de ordem física, econômica, política e sociocultural que podem gerar mudanças psicoemocionais ao sujeito que deixou o meio familiar para deslocar-se ao não familiar.

Nesse sentido, constata-se nas narrativas que os entrevistados não imaginavam passar por esta situação de intensa crise política, econômica e social na Venezuela a ponto de ter que pedir refúgio nos países vizinhos. Assim, os imigrantes venezuelanos relataram que migrar não era um desejo a princípio, porém, a mudança foi necessária para buscar melhores condições de vida para eles mesmos e para seus familiares que estavam passando por muitas necessidades, tais como: falta de trabalho, de alimentos e de medicamentos.

Contudo, novas dificuldades surgiram na busca por se instalar no Brasil. Os entrevistados afirmaram que vivenciaram dificuldades para se manter em Boa Vista, tendo em vista que muitos atravessaram situações de rua e foram assistidos por abrigos da cidade. Tal fato tende a gerar implicações psicológicas como sentimento de frustração por não conseguirem, ainda, acesso ao trabalho, à moradia e à alimentação para terem uma vida digna em outro país.

Nesse sentido, por vezes, o sentimento de tristeza tomou conta dos entrevistados em razão das adversidades que vivenciaram em Roraima. Os sujeitos relataram preocupações com os que ficaram na Venezuela, agravada pela falta de comunicação, e apreensão por conta do destino daqueles que vieram para Boa Vista, pois temem que suas condições futuras possam ser ainda mais vulneráveis: “É triste estar aqui com seu marido e lá na Venezuela você tem sua mãe, seu pai e sua filha. Há momentos que estou comendo

e não sei se eles comem lá (...) É triste não ter comunicação com eles" (Angelita, 21 anos).

O cuidado que os entrevistados têm com os seus familiares é entendido como um modo de ser, uma vez que "o ser humano vive o significado de sua própria vida por meio do cuidado. É atestado ser o cuidado o *ethos* do humano, é um modo de ser essencial; ele se encontra na raiz primeira do ser humano" (Waldow & Borges, 2011, p. 415). Nesse sentido, reunir a família novamente e buscar outra realidade são desejos dos imigrantes venezuelanos. Contudo, em razão da não possibilidade imediata de resolverem os problemas acerca do trabalho, da moradia e da alimentação em Boa Vista, é buscada a superação dos obstáculos para, posteriormente, serem alcançadas as melhorias para a vida de si e dos familiares.

Ademais, Angelita (21 anos) retratou, a experiência da migração, mesmo diante das dificuldades diárias, como uma oportunidade para novas aprendizagens. Apesar das adversidades, os imigrantes venezuelanos sentem-se gratos pelas oportunidades oferecidas em Boa Vista. A ajuda da sociedade civil, igrejas, universidade, ONGs e outras instituições proporcionou acolhimento aos venezuelanos no Brasil: "Este país nos estendeu a mão, nos tem ajudado. Estou muito agradecida por essas coisas" (Carmen, 20 anos).

Compreende-se o acolhimento como uma maneira de hospitalidade enquanto gesto de atenção e preocupação com o outro para que se abra espaço ao processo de integração do ser – jovem imigrante venezuelano – em situação de vulnerabilidade na sociedade brasileira (Araújo, 2013).

Por fim, o acolhimento realizado pelas esferas públicas e privadas em Boa Vista fortaleceu os entrevistados e criou condições para que pudessem seguir em frente, mesmo com as dificuldades. Além disso, o acesso aos seus direitos fundamentais possibilitou abrir espaços de maior integração e/ou inserção social, proporcionando melhores condições de vida para si mesmos e para suas famílias.

Considerações finais

Com base na aproximação da realidade dos imigrantes venezuelanos na cidade de Boa Vista, pôde-se observar o quanto a população encontra-se em circunstâncias de vulnerabilidade. Percebeu-se que os venezuelanos estão passando por situações desumanas com a escassez de alimentos nos supermercados, crianças padecendo de desnutrição, hospitais sem medicamentos para urgência e tratamentos de saúde, famílias que já não conseguem prover seu sustento em razão da carência de emprego e renda, jovens sem condições de continuar os estudos, entre outras questões. Além disso, é evidenciada a falta de segurança por conta dos constantes roubos, furtos e confrontos com a polícia.

Diante dos relatos, a migração para os venezuelanos, por mais que não tenha sido um desejo imediato, tornou-se necessária por questões de sobrevivência. Caso contrário, poderiam sofrer ainda mais com a falta dos serviços básicos.

Nesse sentido, o Brasil – especificamente, Roraima, região fronteira com a Venezuela – passou a ser uma possibilidade de busca por melhores condições de vida, ainda que a realidade em Boa Vista apresente uma série de adversidades para os imigrantes. Tais situações adversas geram uma série de repercussões psicossociais para as suas vidas, uma vez que se sentem tristes e, por vezes, frustrados diante da distância daqueles que ficaram na Venezuela e das incertezas de permanência no Brasil.

Em vista disso, a realidade de ser imigrante venezuelano em Boa Vista apresenta-se como desafiadora e, também, cansativa, sofrida e desgastante, pois tais imigrantes estão expostos constantemente a situações que podem repercutir no surgimento de quadros graves de estresse, de ansiedade e de depressão.

Desse modo, observa-se a necessidade de ampliar o planejamento de estratégias de acolhimento, a execução de políticas públicas e os trabalhos psicossociais nos abrigos e/ou em instituições públicas com o intuito de atender às demandas sociais, econômicas, educacionais e psicológicas dos imigrantes venezuelanos.

Caso contrário, o adoecimento físico e emocional dessas pessoas pode tornar-se cada vez mais frequente e intenso no Estado.

Nessa perspectiva, considerando que Roraima não estava preparado para receber um alto contingente migratório, fundar abrigos pode ser uma medida paliativa com a intenção de atender às demandas emergenciais, porém não é uma solução a longo prazo. O que se precisa é pensar na execução de ações nos âmbitos educacionais, de saúde, trabalho e segurança pública do Estado.

A partir disso, prevê-se a promoção de benefícios aos imigrantes venezuelanos no que diz respeito a sua inserção na sociedade brasileira, bem como a busca por melhorias para os serviços oferecidos à população roraimense, que também está sofrendo com a sua baixa qualidade.

Portanto, diante da situação das dificuldades de vulnerabilidade nas quais se encontra a Venezuela e a nova realidade instaurada pela migração venezuelana em Roraima, reconhece-se que é importante compreender e intervir em tal contexto – não no sentido de impor padrões culturais ou normativos, mas sim respeitando as diversidades culturais e buscando proporcionar estratégias e políticas interventivas que possibilitem uma integração adequada aos imigrantes.

Por fim, enquanto novas estratégias de planejamento sociopolíticas não são repensadas e ampliadas aos imigrantes venezuelanos no Estado de Roraima, as intervenções, ações e acolhimentos realizados pela sociedade civil, instituições públicas, ONGs e universidade são de grande importância para ajudar estas pessoas em situações de vulnerabilidade. Afinal, a prática humanizada de apoio e acolhimento pode minimizar as repercussões psicossociais negativas durante o processo de imigração.

Referências

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. (2020). *Dados sobre refúgio no Brasil*. <http://twixar.me/Jy0>

Araújo, F. (2013). *O acolhimento da Tailândia aos migrantes mianmarenses, laosianos e cambojanos: uma discussão inicial* [Monografia do curso de Relações Internacionais, Universidade Estadual da Paraíba]. <http://twixar.me/xsln>

Arcoverde, L., Sousa., & Araújo, P. (10 de janeiro de 2018). Brasil registra número recorde de solicitações de refúgios em 2017. *GloboNews*. <http://twixar.me/gTSK>

Benjamin, W. (1994). *Obras escolhidas*. Brasiliense.

Betts, A. (2010). Survival Migration: A New Framework. *Global Governance*, 16, 361-382. <http://twixar.me/h12m>

Birol, A. (2016). *Guia Prático de Atendimento aos Migrantes, Refugiados, Vítimas de Tráfico de Pessoas e Brasileiros Retornados, em situação de vulnerabilidade e em áreas de fronteira*. International Centre for Migration Policy Development;

Ministério da Justiça e Cidadania. <http://twixar.me/DTSK>

Borges, M., Bellini, R., Guimarães, A., Lélis, M., Meyer, C., Carvalho, C., & Fernandes, S. (2011). *Venezuela: perfil e oportunidades comerciais*. Apex – Brasil.

Brasil. (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. UNICEF.

Brasil. (1989). *Lei nº 7716, de 5 de janeiro de 1989. Crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor*. <http://twixar.me/pdSK>

Brasil. (2018). *Assistência Emergencial aos Imigrantes Venezuelanos*. <http://twixar.me/XLSK>

Brasil. (2020). *Operação Acolhida: integração e recomeço para milhares de imigrantes venezuelanos*. <http://twixar.me/Syom>

Brito, B., Arriaga, M., & Gouveia, S. (2015). *Manual Apoio Psicossocial a Migrantes*. APAV.

Cortina, A. (2017). *Aporofobia, el rechazo al pobre: un desafío para la democracia*. Espasa Livros.

Costa de Sá, P., & Fernandes, D. (2016, 17 a 22 de outubro). *A vulnerabilidade social de migrantes: uma análise qualitativa dos haitianos e sírios residentes na Região Metropolitana de Belo Horizonte a partir dos critérios da CEPAL*. XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Paraná, Brasil. <http://twixar.me/ybSK>

Critelli, D. (1996). *Análisis do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. Brasiliense.

Eberhardt, L., & Miranda, A. (2017). Saúde, trabalho e imigração: revisão da literatura científica latino-americana. *Saúde Debate*, 41(especial), 299-312. <https://doi.org/10.1590/0103-11042017S225>

Freitas, A. (2009). *Geografia e história de Roraima*. Editora IAF.

Fundação Getúlio Vargas. (2018). *Desafio migratório em Roraima: repensando a política e gestão da migração no Brasil*. <http://twixar.me/BwSK>

Fundação Getúlio Vargas. (2020). *A economia de Roraima e o fluxo venezuelano: evidências e subsídios para políticas públicas*. <http://twixar.me/zyom>

Gomes, A., Paiva, E., Valdés, M., Frota, M., & Albuquerque, C. (2008). Fenomenologia, humanização e promoção da saúde: uma proposta de articulação. *Saúde e sociedade*, 17(1), 143-152. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000100013>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). *População em Roraima*. <http://twixar.me/XzBm>

Oliveira, V. (2020). *Mulheres migrantes: trajetórias de venezuelanas em Boa Vista - RR* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Roraima]. <http://twixar.me/pzBm>

Oliveira, W. (2021). *Operação Acolhida: um recorte sobre a maior crise migratória brasileira*. Dialética.

Organização Internacional para as Migrações. (2011). *Glossary on migration*. International Migration Law Series.

Pasqua, L., & Molin, F. (2009). Algumas considerações sobre as consequências sociais e psicológicas do processo migratório. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 17(32), 101-116.

Pilicioni, A. (2013). *O direito do trabalhador imigrante no Brasil*. <http://twixar.me/QNSK>

Raatz, L. (9 de novembro de 2014). *Queda do petróleo agrava crise venezuelana*. Estadão Internacional. <http://twixar.me/GsSK>

Reis, R. (2004). Soberania, Direitos Humanos e Migrações Internacionais. *Revista Brasileira de Ciência Sociais*, 19(55), 149-164. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000200009>

R4V. (2021). *Plataforma Regional de Coordenação Interagencial para Refugiados da Venezuela*. <https://www.r4v.info/pt/brazil>

Santos, N. (2011). *O enfrentamento religioso em situação de migração* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <http://twixar.me/DSVm>

Silva, F., & Fernandes, D. (2017). Desafios enfrentados pelos imigrantes no processo de integração social na sociedade brasileira. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, 13(18), 50-64. <http://twixar.me/412m>

Simões, G., Silva, L., & Oliveira, A. (2017). Perfil sociodemográfico e laboral dos venezuelanos em Boa Vista. In Simões, G. (Eds.), *Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil* (pp. 21-48). CRV.

Turato, E. (2003). *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológicos, discussão comparativa e aplicação nas áreas de saúde e humanas*. Vozes.

Waldow, V., & Borges, R. (2011). Cuidar e humanizar: relações e significados. *Acta Paulista de Enfermagem*, 24(3), 414-418. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002011000300017>

Halaine Cristina Pessoa Bento

Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, CE, Brasil; especialista em Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), em Porto Alegre, RS, Brasil; com bacharelado em Psicologia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), em Boa Vista, RR, Brasil. Doutoranda em Psicologia Social na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil.

Talitha Lúcia Macêdo da Silva

Mestra em Psicologia Clínica, bacharela e licenciada em Psicologia e especialista em Intervenções em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, PE, Brasil. Professora e pesquisadora na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em Recife, PE, Brasil.

Endereços para correspondência

Halaine Cristina Pessoa Bento

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Avenida Antônio Carlos, 6627
Pampulha, 31270-901
Belo Horizonte, MG, Brasil

Talitha Lúcia Macêdo da Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Educação
Rua Manuel de Medeiros, s/n
Dois Irmãos, 52171-900
Recife, PE, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.